

## **A MISSÃO DA UNIVERSIDADE\***

*Fernando de AZEVEDO*

O sentido novo de uma festa antiga.- O clima histórico da Universidade.

- Quando a força disputa o primado à inteligência. - A resposta de S.Paulo aos ideais da força e da violência: a Universidade. - O espírito científico de pesquisa. - A Universidade, a cultura e a ciência. - As idéias gerais, a política e a civilização em mudança. - A ciência e a profissão. - Universalismo e nacionalismo. - A missão do Instituto de Educação na Universidade. - A formação dos professores do ensino secundário. - A universidade, instituição normal do país. - O espírito que a deve animar.

Na Celebração destas solenidades que se transformaram numa das tradições de nossa vida educacional, há um instinto profundo de solidariedade humana e um nobre senso de continuidade, purificados nas alturas serenas de um ambiente em que se ouvem os cantos e se praticam os ritos antes da separação. Elas trazem qualquer coisa de religioso nas homenagens que se prestam aos mestres e nas despedidas que se dão aos discípulos, como na força com que solicitam a olhar para o passado em que já mergulha a escola, aqueles mesmos cuja mocidade ardente atrai para o futuro, tão misterioso pelo que dele esperamos como pelas suas incertezas. A tradição de investirem os estudantes a um de seus mestres na missão de investirem os estudantes a um de seus mestres na missão de os acompanhar, no ato de sua formatura, nasceu, com efeito, e se alimenta nas fontes vivas dessa solidariedade moral que liga, como os elos de uma cadeia, os mestres aos discípulos; os mestres de ontem aos de hoje, e os de hoje aos de amanhã; as gerações extintas que palpitam em nós às novas gerações em que

---

\* Conferência pronunciada a 4 de janeiro de 1935, na sessão solene de encerramento dos cursos do Instituto de Educação, da Universidade de São Paulo, In: AZEVEDO, Fernando de. São Paulo: Ed. Nacional, 1947, p. 155-145.

vivemos e que levam para a vida, com a nossa experiência, toda a riqueza dos sonhos que não realizamos...

Por isto, ainda que quisésseis fixar o olhar ou prendê-lo a um ponto do horizonte, parece que tudo vos convidaria, ao menos por momentos, a estar sobre as asas de vossa imaginação, a franquear em segundos distâncias que o pensamento mede com espanto e a achar um encanto indefinível em deixar errar o vosso espírito, como nessas horas de recolhimento em que, olhando uma perspectiva longínqua, tantas vezes sonhamos bosques, águas, países estranhos nessas massas azuladas e confusas que o olhar percebe e não pode distinguir. Mas, por essa impressão inefável que vos deixaria por instantes sonhar de olhos abertos, não tardaria sem dúvida a infiltrar-se uma outra, mais precisa e mais forte, que acaba sempre por dominá-la e é uma das maiores sensações que se podem experimentar: a de ver; a de tocar a realidade, de lutar com ela e, às vezes, contra ela e escapar-nos, sorrindo, de seus braços...

Se alguém que possa ter uma confiança tranqüila em vós e no resultado de vossos esforços, na luta áspera de todos os dias, é cada um de vossos mestres que guardam, com a lembrança amável dos trabalhos em comum, essa forte impressão que costumam deixar discípulos que fizeram as suas rudes provas de inteligência, como de caráter, de cultura como de trabalho. No momento em que experimentais uma legítima satisfação e como o que um gosto de vitória que, se vos acalmou, vos chama secretamente para novos empreendimentos e novos sucessos, devo ser o primeiro a reconhecer que as gerações que vos sucederem não precisarão mais do que seguir os vossos exemplos de cordialidade, de disciplina e de cooperação. Entre os impulsos eficazes que põem em movimento as energias humanas, e vão, na sua variedade, dos instintos às paixões, das tendências egoístas às forças dos ideais, preponderaram sempre na vossa atividade, dirigindo-a, o interesse bem compreendido e os móveis nobres e desinteressados; e a cultura e a vontade de um aperfeiçoamento constante que vos fizeram perder essa simplicidade de coração sem a qual a fé e o entusiasmo se tornam quase impossíveis.

Vós provastes ainda uma vez que, seja qual for a sua posição e situação social, a mulher pode conservar sempre as suas qualidades femininas de encanto, de graça e de amabilidade; e que a parte tomada por ela nos negócios e na educação não a masculiniza, como o interesse pelas artes e pelas coisas delicadas não é incompatível por sua vez com a força de caráter, com a energia e com a virilidade. Esta própria reunião em que se encontram confundidos nas aspirações comuns rapazes e moças que fizeram os mesmos estudos e se destinam às mesmas ocupações, comporta a magnífica lição de que a mulher, dedicada às ciências, à administração ou à política, longe de perder o seu encanto aos olhos do homem, antigamente disposto a considerá-la como a *femme savante de Molière*, se lhe associou em todos os planos de atividade e de que lhe compete tomar, na evolução social, uma parte viva que, igual à do homem, não pode, contudo, nem deve ser independente e exige, ao contrário, a associação e a cooperação estreita dos dois grupos que compõem as sociedades humanas.

## **O SENTIDO NOVO DE UMA FESTA ANTIGA**

Mas, a festa em que, celebrando a formatura, fazeis transbordar as íntimas alegrias pelo êxito de vossos esforços, reveste-se este ano de um caráter particular que lhe imprime o fato da mais alta significação de coincidir com ela o encerramento do primeiro período letivo da Universidade de São Paulo. De fato, há cerca de um ano, no dia da fundação da cidade, o governo do Estado comemorando de maneira excepcional a data memorável, entre as mais gratas ao coração dos paulistas, criava a Universidade de S. Paulo e, por uma resolução tão sábia quanto honrosa, para nós, nela incorporava o **Instituto de Educação**. E vós tendes a honra de ser o primeiro grupo de professores que conclue o seu curso de cultura e aperfeiçoamento profissional, depois que o Instituto se integrou no regime universitário. Por maior que fosse a vossa alegria, por verdes vencida mais uma etapa, no currículo dos estudos, e por mais que tendesse a fixar-se em vós a minha atenção, nem esse contentamento podia obliterar-vos a consciência do sentido profundo que encerra para todos aquela data - a mais importante na história da

educação pública em S. Paulo - nem o meu espírito podia fugir à força de atração que sobre ele exerce o grande acontecimento.

Não sei se conheceis as contrariedades desses combates interiores, a que se referia F. Brunetière, "quando uma idéia que domina nas reverbos do cérebro vem lançar-se de encontro ao tema querido sobre o qual se trabalha, avança obstinadamente e solicita e domina o espírito que ela esteriliza para a outra tarefa". Aliás, como sempre temos prazer em ouvir falar do que mais amamos, que vos poderia ser hoje mais agradável do que nos ocuparmos com a Universidade que nasceu para o povo como uma grande esperança e cuja luz, como a de uma aurora, irradiou sobre todos os caminhos? Sente-se que vós começastes a amá-la, mais pela sedução que sobre a mocidade exercem as coisas grandes e belas do que por uma absorção integral na obra, como a razão de ser da própria vida; mas, quanto mais lhe penetrardes o sentido e o alcance, tanto mais vos disporeis a servi-la, com a força invencível desse amor que avalia pelos obstáculos o preço das coisas, e aumenta em intensidade com o esforço que desenvolve para realizá-las.

## **O CLIMA HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE**

De todos os germes que semeou a revolução - e muitos dos quais se perderam ou porque traziam em si mesmos uma fraqueza ou deformação ou porque não encontraram o meio adaptado sem o qual não podiam desenvolver-se - a idéia da Universidade foi, sem dúvida, a que mais rapidamente cresceu: é que ela não devia pecar em ponto algum e vinha na hora oportuna e em condições favoráveis para que pudesse ser transformada numa realidade. No entanto, se considerarmos que a lógica e a necessidade não conduzem por si sós os negócios humanos e que nada se faz sem a "corrente", isto é, sem o impulso, o prestígio, a confiança e a fé, poderia surpreender-nos que se tenha criado a Universidade de S. Paulo numa época em que a hostilidade contra a inteligência ameaça, nos seus fundamentos, as instituições universitárias. Examinando as coisas que tornaram possível, no passado, a vida saudável e o triunfo da Universidade, Ortega y Gasset apresentou, como causa máxima - que, em rigor, resume e fecunda todas as

demais - o *clima histórico*, moral e político, em que elas floresceram e em que predominaram certos valores sociais, certas preferências e certos entusiasmos.

A educação da coincidência entre as virtudes e as tendências ambientes ou coletivas dos países e o regime institucional das Universidades constitui, a seu ver, um dos fatores primários e fundamentais do progresso e do triunfo da Universidade, no passado europeu. Os traços característicos dessa época eram a preferência e o entusiasmo pela inteligência que impelia os homens a viver de idéias e para idéias, a ponto de consagrarem a elas a vida integral, num ambiente em que tudo conspirava para elevar ao primeiro plano os homens de ciência e de pensamento. Ora, em uma atmosfera pública impregnada por essas preferências pelas coisas do espírito e carregada de entusiasmo pela ciência, - como expressão ou sintoma de uma concepção de vida, e, portanto, de uma época, "era natural, diz Ortega y Gasset, que a Universidade prosperasse e chegasse à sua culminância nos séculos que representam o império quase indiviso da inteligência, na época moderna e sobretudo no século XIX". Os progressos da democracia, desenvolvendo a liberdade de crítica e de opinião, nos comícios e nos debates públicos, contribuíram certamente para que as Universidades se expandissem, clarificadas no seio da liberdade: uma projeção desse foco que se acendeu nas instituições políticas, refrangindo-se no ensino superior, fecundou as Universidades, estimulando a pesquisa livre e o espírito crítico e rasgando ao pensamento perspectivas ilimitadas.

## **QUANDO A FORÇA DISPUTA O PRIMADO À INTELIGÊNCIA**

Mas nos primórdios deste século começaram a aparecer sintomas que logo se foram acentuando e anunciavam a mudança desse *clima histórico* de entusiasmo pela inteligência, pelo pensamento e pela razão, para uma época em que ao intelectualismo sucede o voluntarismo, à liberdade a uniformidade, e ao pensamento a ação. Se esse fato tão inegável como universal, na Europa, é uma realidade profunda ou um fenômeno passageiro devido a uma hora de cansaço, pela continuidade do esforço ininterrupto, multissecular, dedicado ao pensamento;

ou se é o *odium professionis* que sofre transitoriamente o europeu, "é coisa, diz Ortega y Gasset, a investigar e a discutir; mas o fato da mudança que se opera é inquestionável, e a Universidade deve encará-lo de frente porque dele o seu futuro". A uma época em que o mundo viveu de discussão livre sucede outra, a atual, em que o regime político, vermelho ou reacionário, tende sempre a decretar: "Senhores, acabou-se a discussão". E a discussão não é senão dialética, a forma mesma em que o pensamento se produz. A vontade - a deusa desde 1900, e sobretudo a partir de 1918, entronizada em lugar da inteligência, é, por essência, a que terminou a discussão. "Daí a ação direta, o culto da violência que é forma da vontade."

Das três atitudes que o homem pode tomar na vida, que é oposição, antinomia, contradição, em que flutuamos sempre entre os dois pólos antagônicos - ação ou especulação, razão ou fé, liberdade ou disciplina - a que o homem tende hoje a tomar não é a de conciliar os dois termos opostos, nem a de viver em plena contradição interior, como queria Miguel Unamuno, mas a atitude extremista, valente, heróica - que é, no entanto, uma mutilação - a do que se decide por um dos termos e repudia o outro. Essa volúpia da ação e a paixão de seus resultados; essa procura de uma proeza sempre mais alta e mais inacessível, essa vontade e alegria de dominar a vida; essa tendência a distender o esforço até o ponto de rompê-lo, a se alimentar da subordinação, da abnegação e do sacrifício dos outros, e a impor a todos, diante das contradições que constituem a própria substância da vida, uma solução radical, não constituem os traços mais característicos de uma época em que o povo resignatário deixa freqüentemente abandonada a soberania nas ruas, para que lh'a arrebate o grupo mais forte, de mais capacidade de audácia e de ação? Depois do salto: a presa - o poder; e o salto só pode dá-lo, como dizia Buffon, referindo-se aos gênios políticos, aquele que tiver "articulações de leão"...

Seria inútil lembrar, como observa Miguel Unamuno, que nessas irreduzíveis antimonias da existência que o homem abriga em seu próprio seio é que "se gera uma tensão espiritual sem termo nem descanso; um batalhar em sonhos, como Jacó com o anjo, com promessas sem solução; um vôo frenético sem solo em que pousar. Desse modo, com atitude entre todas espiritual, de viver em plena

contradição interior, diante das antíteses invencíveis, a vida se intensifica e se eleva; e talvez sejam essas mesmas antíteses insolúveis que criam a vida." Seria inútil, na maré montante das afirmações categóricas e dos postulados inflexíveis, que cortam pela raiz todas as discussões, recordar, com Ch. Richtig, que "o privilégio da ciência é autorizar, despertar e quase mesmo desejar contradições e que, se isto é verdadeiro em relação à ciência, não o é, infelizmente, com referência aos sábios". O próprio ceticismo que é um dos defeitos de predominância intelectual, e freqüentemente uma doença da vontade, condenável talvez em matéria moral, têm sua razão de ser em matéria de ciência, em que esse ceticismo feito de dúvida, de modéstia, de tolerância e de rigor e não é mais do que a dúvida metódica de Descartes, com que nos procuramos resguardar das opiniões feitas e das conclusões apressadas.

"O espírito", diz Pascal, "trê naturalmente; a vontade ama naturalmente: de modo que, na falta de verdadeiros objetos, é preciso que ele se dedique aos falsos." O que é, pois, inquestionável, e é preciso registrar, como um fato, é que essas tendências à afirmação categórica, às soluções radicais e à ação direta, que não passam de um movimento de reação da autoridade contra a liberdade, nos seus conflitos eternos, constituem os sintomas e caracteres desta época de transição em que se defrontam freqüentemente, sem se compreenderem, duas civilizações - a que acaba a luta por se manter, e a que reage contra a antiga e se gerou no seu próprio seio. Não é preciso e seria inútil condenar essas tendências: bastar-nos-ia, ao menos por enquanto, numa atitude científica, registrá-las, compreendê-las ou procurar-lhes a exploração. Todos aqueles que se habituaram a analisar o trabalho lento e seguro das forças de integração e desintegração social; que aprenderam a pesquisar por que caminhos e meios um pensamento chega a produzir a mesma desorganização que um veneno; como se produz, pelo jogo dos mecanismos sociais, a evolução social, e como a desordem impendente gera os governos de força e o despotismo traz em si mesmo o germe de sua destruição; não poderão surpreender-se com esses dados que apenas indicam as oscilações, segundo um ritmo natural e complexo, entre a liberdade e a autoridade,

a igualdade e a desigualdade, a força da tradição e as forças inovadoras, e obedecem às leis fundamentais de todo o processo de civilização.

### **A RESPOSTA DE S. PAULO AOS IDEAIS DA FORÇA E DA VIOLÊNCIA: A UNIVERSIDADE**

Pois, nesta época rudemente trabalhada por duas correntes sociais e políticas que, fazendo apelo à força, à vontade e à ação, tendem a esmagar a inteligência e a liberdade sob o rolo compressor da máquina do Estado, o governo de S. Paulo criou a Universidade, como um protesto e afirmação de fé na liberdade de pensamento e de investigação, de crítica e de debate, que constitui os fundamentos das instituições democráticas e universitárias. É a resposta de S. Paulo aos ideais da força e da violência. A criação da Universidade importa, de fato, pela própria natureza e finalidade destas instituições, numa declaração de princípios, segundo os quais se substitue a ordem da força pela ordem do pensamento; a violência que corta as discussões pela liberdade que as estimula; a obstinação que gera os preconceitos pela tolerância que é inerente ao próprio espírito científico. É na Universidade que se podem plasmar homens e idéias capazes de resguardar, dos perigos que as ameaçam por todos os lados, a democracia e a ciência, a autoridade e a liberdade, e de opor um sistema democrático de seleção e utilização necessária das capacidades recrutadas em todas as camadas sociais a todo sistema demagógico que, tendendo ao nivelamento dos bens e dos indivíduos, tende a rebaixar aquele que pode mais e a paralisar, em consequência, o esforço, a criação e a vida.

Mas, para que realize essa missão histórica que lhe está reservada, é preciso, antes de tudo, que na Universidade se forme e se desenvolva a consciência da necessidade do esforço e da disciplina, e, com uma consciência dos deveres tão profunda quanto a dos direitos, uma reação salutar poderosamente organizada a um tempo contra o despotismo e contra a anarquia mental em todas as suas formas e manifestações. Todo o regime de forças nasceu sempre da anarquia que o precedera; e, nesse conflito, tão velho como as sociedades



humanas, entre essas duas necessidades que parecem contraditórias, a liberdade e a autoridade, não há outro meio de impedir que os povos oscilem para a autoridade e apelem para a violência senão o de controlar, disciplinar e coordenar as forças sociais que, pela dispersão e pela liberdade sem freios, possam constituir um perigo à estabilidade do Estado, "buja suprema virtude é a segurança". Aliás a inteligência, que somente conduz às dissensões e à confusão quando não deixa disciplinar severamente no espírito e nos métodos científicos, tende a desempenhar entre os homens a função essencial de pô-los de acordo, "de uniformizar, portanto, o pensamento humano, de modo que, como se dá no campo estritamente científico, o que é verdade para uns o seja também para todos".

Certamente, observa Ramon Turró, "todos reconhecemos que o pensamento é livre e nos repugna que se oponham entraves à sua libérrima expansão... Hoje ninguém pediria a Galileu a retratação que se lhe exigira em outros tempos". Os ânimos se serenaram, e os caminhos foram abertos para todos; por todas as partes se colocou o sinal de caminho livre. Mas, o trabalho científico só é fecundo com a condição de que os homens voluntariamente se submetam a um plano essencialmente o mesmo, ao investigar, e ao mesmo método, ao raciocinar: "hão se pode e não se deve reivindicar para o pensamento o direito de pensar como se queira, sem as austeridades de um método preciso, sem objetividade e sem probidade científica, porque isto seria reclamar o direito à libertinagem para a função mais augusta de que dispomos. No desempenho de sua missão, a inteligência deve mover-se dentro das condições que pela própria natureza lhe foram prescritas".

A função que cabe à Universidade, criada no momento em que o Brasil se encontra em presença das mais graves questões para resolver e em face dos problemas definitivos de sua organização, não poderá desempenhá-la, sem que, de um lado, subordine o seu sistema institucional a um certo número de idéias diretrizes e fundamentais que devem ser a carta de sua vida normal, e apresente, por outro, como uma instituição social, natural e viva, uma relação estreita com a vida nacional e um grande poder de plasticidade e de adaptação. Para que adquira a consciência de sua verdadeira missão e dos rumos que deve seguir; para servir à

ciência e à obra de reconstrução nacional, precisa, sem dúvida, ser reforçada e ampliada por uma constante tomada de contato com as grandes forças vivas da nação. Mais do que um sistema de ensino superior, no conjunto de cujos institutos se elaboram a ciência e a alta cultura, ela deve ser "o centro orientador de todas as energias coletivas", em que se forjam e se condensam as modalidades e os ideais que se pretenda imprimir à nação; e, por isto mesmo como não pode dar forma e expressão senão aos ideais e às correntes do tempo e do meio, nem trabalhar senão com o material que lhe fornece a vida social, ela tem de transformar-se num sistema de antenas suscetíveis de entrar em vibração aos menores contatos sociais ou num órgão sensível a todas as inquietações e aspirações coletivas, e, por isto, capaz de se antecipar aos acontecimentos, para orientar eficazmente as transformações sociais, políticas e econômicas.

### **O ESPÍRITO CIENTÍFICO DE PESQUISA**

Seja, porém, qual for a concepção de seus sistemas institucionais, rígidos ou plásticos, mais ou menos fechados e a serviço da classe dominante, ou francamente abertos e acessíveis a todos, a principal característica das Universidades modernas, por toda a parte, é "espírito científico de pesquisa", isto é, a indagação completamente objetiva e livre de quaisquer considerações que não sejam a busca da verdade, e que só se criará pelo estudo e pela pesquisa da ciência pura. Ainda sob os governos de força, que tão poderosamente influem sobre os regimes universitários, se se fecham ao espírito certos campos de investigação, com as ciências sociais e políticas, nas quais todo o trabalho científico se desenvolve, menos no sentido de investigar desinteressadamente a verdade do que no de procurar argumentos para justificar os regimes, as Universidades procuram compensar esta limitação e deformação que lhes são impostas pelas instituições com uma intensificação crescente das pesquisas no campo das ciências físicas e naturais. A filosofia e as ciências sociais, como as letras, condenadas a uma camisa de força, não podem ser encaradas senão sob o ângulo da doutrina que constitui a base das instituições políticas, e, despojadas de

todo o resíduo burguês ou proletário, devem regular suas idéias pelo ritmo da ciência do Estado...

É nos domínios das ciências físicas e naturais, onde encontram a plenitude da liberdade necessária à investigação, que se refugiam os investigadores, despovoando-se os outros campos, acossados pelas tempestades políticas. Certo, por toda a parte, diz Maurice Croiset, "as conquistas realizadas sobre o desconhecido pelo espírito humano são incessantes e admiráveis, mas por toda a parte elas se revelam, todavia, como incompletas e provisórias. Não nos queixemos, porém. É este mesmo defeito que é estimulante da inteligência. Toda a descoberta abre uma perspectiva; toda a solução põe um problema. O que se chama a *ciência já feita* tem incontestavelmente um imenso valor, tanto por suas aplicações quanto como matéria de ensino; mas, de um ponto de vista superior, não é, afinal, senão um caminho aberto, um meio de ir mais longe. A *ciência verdadeira é a pesquisa*... A maior parte dos investigadores foram homens mais ou menos desprendidos das coisas exteriores, estranhos de algum modo aos ruídos de fora. A pesquisa é uma paixão, ou não existe. Ela toma um homem e o quer todo inteiro".

Para ser um sábio, acrescenta Ch. Richet, "é preciso ser revolucionário, isto é, tratar pela dúvida metódica as teorias clássicas mais clássicas, tudo discutir, tudo aprofundar". "Um dos privilégios da ciência é que ela nos traz o imprevisto. O *já visto* é insuportável; e a ciência, com as suas descobertas que são revelações, é a única capaz de pôr alguma coisa de novo em nossa vida. O professor devia estar convencido disto. Não convém que o peso do passado, por mais glorioso que seja, o impeça de entrar no futuro". Mas, se a principal função da Universidade é contribuir para o aperfeiçoamento do saber humano; se a ciência, longe de se fixar com os sábios num molde imutável e impecável, é feita de imprevisto, e se é próprio do professor universitário não só transmitir a *ciência feita*, mas esforçar-se por concorrer para a *ciência a fazer-se*, a se constituir, a pesquisa científica, que é o estudo dos fatos e a reflexão sobre eles, é o único meio que tem o professor de penetrar no futuro e a ele cabe, como dever primordial, cultivar e despertar, nos seus discípulos, o espírito de pesquisa e de invenção.

Os trabalhos de laboratório e de seminário, as investigações e os inquéritos devem, pois, preponderar no plano das atividades universitárias, para que o gosto e os métodos de observação, de experimentação e de descoberta científica se instalem na vida normal da Universidade; nela se forme um grupo de iniciadores e de mestres em todos os ramos de estudos, e se desenvolva um espírito comum de pesquisa livre e desinteressada e de cooperação incessante, com o qual se possa manter, através de todos os obstáculos e das diferenças individuais de caracteres e de opiniões, uma solidariedade profunda e irredutível entre os seus membros. Se ao Estado que instituiu a Universidade compete aparelhá-la cada vez mais de laboratórios, observatórios e bibliotecas especiais e encorajar largamente, por todos os meios, a pesquisa e a descoberta, para que ela se torne um verdadeiro centro de altos estudos, dedicado ao progresso das ciências, não é menor, na ordem moral, a parte que resta aos professores, para despertar, nos discípulos, o espírito científico que é curiosidade e gosto de investigação e dar-lhes, com a disciplina ascética dos métodos científicos, os meios de satisfazê-los. Pois, "se não se faz conquista científica sem novos instrumentos, o maior instrumento de toda a ciência, lembra Richet, é a inteligência humana", o instrumento criador, que deve ser estimulado por um entusiasmo e uma fé robusta na ciência e animado da disposição de se lhe dar inteiramente, com perseverança, sem outro objetivo que a procura da verdade mesma e sem preocupação nem de suas aplicações no futuro, nem de suas conseqüências.

### **A UNIVERSIDADE, A CULTURA E A CIÊNCIA**

A necessidade, por um lado, de limitar cada qual o campo de suas investigações e a absorção integral que exige o trabalho de pesquisa, e sobretudo, por outro lado, o progresso e o desenvolvimento contínuo das ciências experimentais, tornam hoje impossível o tipo do "homem universal" e extremamente raros os homens que, em outros tempos, não separavam, nas suas aspirações, o culto das letras e o das ciências. Era um tempo feliz esse em que se podiam cultivar simultaneamente essas duas flores do espírito humano. A situação, porém, chegou a um ponto em que os servidores de um ramo da ciência são

obrigados a ignorar quase tudo daqueles que estão ao lado. O domínio, outrora estreito, de cada ciência particular tão desmedidamente se ampliou que o olhar de um só homem já não lhe poderia abranger toda a extensão. Mas, se é certo que o progresso vertiginoso das ciências acentuou o antagonismo dessas tendências rivais que dão aos próprios homens de ciência a oportunidade e o meio de se desprezarem um pouco uns aos outros, não é menos verdadeiro que o estudo exclusivamente especial, científico ou matemático, constitui uma perigosa mutilação do homem e que a especialização que impõe uma disciplina científica se deve constituir sobre a base sólida e larga de uma cultura geral, filosófica e literária, capaz de estabelecer o concurso e a harmonia entre as atividades e as exigências do espírito e um estreito laço de solidariedade moral entre os homens.

Não é uma ciência determinada, mas a ciência pura e simplesmente, que cultivam os que sabem "ultrapassar largamente o quadro estreito de uma especialidade", elevando-se a alturas a que só pode erguê-los o humanismo que, admitindo toda a espécie de invenções e de aquisições e adaptando-se às mais diversas necessidades, sabe, porém, encontrar, sob o movimento, a mudança e perpétua novidade que constitui a vida, "um fundo substancial e imutável", a identidade do espírito humano através do tempo. Aliás, como já se escreveu, não há ciência senão do geral; e a razão é essencialmente um instrumento de conhecimento científico. Ela tende invencivelmente a *generalizar*, e, sob, o que passa, a pesquisar o que fica. Algumas concepções mecanicistas não esgotam o sentido do universo, observou Jean Jaurès, "e a rede das fórmulas algébricas e dos teoremas abstratos que lançam sobre o mundo deixa passar a realidade como as malhas de uma rede deixam passar o rio"...

## **AS IDÉIAS GERAIS, A POLÍTICA E A CIVILIZAÇÃO EM MUDANÇA**

Mas, se no próprio domínio científico é prejudicial a especialização a todo transe, com que nos arriscamos a suprimir a intuição - fonte de algumas das mais fecundas invenções da ciência; se o equilíbrio entre as faculdades opostas que, entre tantos outros, realizaram Pascal, Leibnitz e Descartes, é o que distingue do

pesquisador, do cientista ou do técnico, o sábio, no mais alto sentido da palavra; o que é um belo ideal, tão fecundo como pouco acessível, no homem de ciência, é, de certo modo, um imperativo categórico ao homem público, que tem de ser, pela própria natureza de sua função, não o "homem universal", mas um homem de idéias e vistas gerais, que tenha no espírito aberturas em todas as direções. Poderá bastar certamente a cada qual, na arte e na ciência, "ser rei num só domínio", diz Richet; "não é o mesmo na política, em que é preciso um juízo perspicaz, rápido e seguro, em todos os domínios". Ora, só a cultura geral, pondo exercício todas as faculdades do espírito, poderá desenvolver, nos futuros homens de Estado, ao mesmo tempo que lhes alargar o horizonte do pensamento, esse senso de equilíbrio, de medida e de oportunidade, que constitui a força dos homens públicos de escola e de vocação.

De fato, o que sempre caracterizou os grandes políticos, chamem-se Péricles ou Júlio Cesar, Napoleão ou Disraeli, Bismark ou Lincoln, é essa harmonia do pensamento e da ação, que, se tem raízes no temperamento original, se desenvolve com a cultura que alarga os horizontes; esse espírito ágil, plástico e maleável, de um realismo experimental, "em que há faculdades de salvação para evoluções imprevisíveis; essa arte de se furta, na prática, às conseqüências de uma doutrina absoluta demais; esse talento de saber desmentir-se - uma vez mudadas as circunstâncias, sem se mentir a si próprio", e, enfim, essa capacidade de se vigiar sobre si mesmo, ainda nos momentos em que a sua ação parece desencadear-se como uma força da natureza, e não deixar nunca que as aventuras da sensibilidade possam comprometer a objetividade do juízo e a lucidez da visão.

Se foram sempre necessárias, especialmente no homem público, as idéias gerais, muito mais devem sê-lo numa civilização em mudança, caracterizada pela rápida sucessão de situações novas, pela profunda revisão de valores sociais e por uma ebulição feita de todos os fermentos filosóficos, literários e científicos, que podiam ser capazes de alimentá-la. A julgar pelas conclusões da Comissão de Estudos Sociais, da *American Historical Association*, no famoso relatório de 1933, embora não sejam claros os indícios quanto à forma específica que venha a assumir de futuro, parece surgir uma nova era de coletivismo, limitado às sujeições

do individualismo "aquisitivo", e em que seja o individualismo preservado, no seus aspectos não aquisitivos, como a mais fina flor da civilização. Seja como for, a tensão que acompanha a luta pelo poder, no atual período de transição entre uma época de individualismo em crise e a do coletivismo que forceja por instalar-se na economia e no governo, "tende a continuar até que a sociedade se reajuste para uma civilização nova e melhor". Mas, nesta civilização tão fortemente sacudida por tensões poderosas que se originam do conflito entre a tendência atual para uma economia e uma sociedade integradas, de um lado, e as práticas, idéias e instituições da era do individualismo, de outro, "é preciso prevenir-se contra todo o regimen rígido de idéias e de cultura".

A realidade social que se plasma, nesse estado social romântico, incoordenado, de uma vitalidade e de uma riqueza que aspiram à estabilidade, à norma, à plenitude regulada, pode vir a romper todos os quadros de uma vida social prefigurada, em visões ardentes, mas falsas, como um ideal fixo, na imaginação de políticos que julgarem fácil dirigir, com segurança, as gerações nas trevas... É preciso, sem dúvida, fazer suceder a ordem ao caos e estabelecer, entre as forças que oscilam entre pólos antagônicos, a disciplina e a coesão. É o que realizará o regime de força ou do comando único, se o não conseguirem antes os homens públicos, de vistas gerais e penetrantes, que tragam "um crítico consigo mesmos", o façam associar aos seus trabalhos e tenham um "senso de orientação" comparável aos dos pombos viajantes ou dos guias no deserto. "Eu não me espanto" - dizia o poeta Lamartine, respondendo ao sábio Arago, num debate parlamentar que, com perto de cem anos, ainda não envelheceu - "eu não me espanto de que os tiranos se acomodem com especialistas e técnicos; eles têm necessidade de instrumentos engenhosos, arquitetos, mecânicos, artilheiros, homens de cifras, homens-máquinas para calcular, máquinas para construir, máquinas para matar, máquinas para servidão. A cifra não tem alma. Eles desconfiam desta força: desvirlizam a humanidade para dominá-la. O homem especialista não lhes recusa nada; o homem de idéias gerais lhes causa medo: ele sente, ele pensa".

## **A CIÊNCIA E A PROFISSÃO**

Fazer passar as concepções na realidade é a dificuldade extrema, cujo êxito depende da inteligência que se antecipa aos acontecimentos para orientá-los eficazmente e desencadeia a ação, escolhendo o momento oportuno para este efeito e aplicando-lhe as modificações determinadas pela diversidade de interesses e de circunstâncias. Esta virtuosidade técnica dos condutores de homens, de realizar as suas concepções por meios que lhes são próprios e conformes a uma política experimental, que se dirige para os princípios superiores aos quais devem ser submetidos os homens e os povos, mas sem perder a consciência das leis a que estão subordinadas as sociedades, na sua evolução, é certamente o apanágio não daqueles cujo pensamento não ultrapassou os limites de uma profissão ou de uma especialidade, mas dos homens de cultura geral, cujo poder de iniciativa provém exatamente de sua capacidade de dominar as questões do alto e de penetrar, por uma visão, surpreendente, na complexidade das coisas e da vida. Mas, se a Universidade deve ser, por isto, um foco de alta cultura, extensa e intensiva, e das humanidades antigas e modernas que concorrem diretamente não só à formação do homem de ciência, mas à das verdadeiras elites políticas, que vão diretamente ao essencial e têm gosto das idéias gerais, sem caírem no vago e no obscuro, não é menos necessário que ela seja também um centro poderoso para a aquisição das técnicas de trabalho, tanto pelo estudo teórico das bases científicas das profissões, como pela assimilação dos métodos de trabalho profissional, nos diversos ramos de atividade e de produção.

Se a Universidade deve organizar-se em função das múltiplas necessidades da vida social e se ela pretende exercer uma influência tão profunda como larga, deve tornar-se cada vez mais acessível a todos os grupos profissionais, em que se divide a sociedade, e, portanto, às necessidades de todas as profissões de base científica, que constituem as molas essenciais da riqueza e das atividades da nação. Ela tem de reger-se, pois, na sua estrutura e no seu funcionamento, por um critério superior e humano que, mantendo-a distante de todos os preconceitos e de todas as supertições, não sacrifique nem as exigências da cultura, nem as



exigências da utilidade e da especialização. Não há outra ciência senão a ciência desinteressada e a ciência que tivesse em vista senão as aplicações, não seria ciência, diz H. Poincaré; mas, além de não serem muitos os homens com pulmões para grandes alturas, a ciência teve sempre maravilhosas aplicações e todo o conhecimento tende forçosamente à técnica e à ação. Às Universidades modernas compete formar o sábio, o político, o profissional e o técnico; e na medida em que conciliar os papéis respectivos das ciências e das letras, os estudos desinteressados e os de utilidade imediata, as exigências da teoria e da prática, da cultura e da profissão, a Universidade de S. Paulo estenderá o seu raio de influência no meio social, e, como uma instituição real e viva, marcará pelas suas pulsações o ritmo do progresso em todos os campos das atividades nacionais.

## **UNIVERSALISMO E NACIONALISMO**

Será talvez uma quimera do meu temperamento procurar por sistema, nas sínteses em que se conciliam as antinomias, as soluções dos problemas postos por esses conflitos entre o indivíduo e a sociedade, o idealismo e o materialismo, a especialização e a cultura geral, a teoria e a prática, a universalidade e a nação. No entanto, na evolução dialética do pensamento, a cada tendência que se acentua e tende a extremar-se, segue-se sempre um movimento em sentido oposto (antítese, reação), até se encontrar a *linha ideal* de um equilíbrio sempre instável; e, se as condições específicas de uma sociedade determinada, em certa época, admitem e às vezes impõem uma solução radical, a situação que se instalou e traz, em si mesma, pelo seu radicalismo, o germe de contradição, tem a sua duração limitada pelo tempo que levam as forças contrárias para atingir a plenitude de sua maturidade e de seu desenvolvimento. Pode bem ser que, sob a pressão das forças coletivas, a Universidade de S. Paulo, no processo de sua evolução, tenha de sofrer inflexões que a desviem fortemente de sua linha superior de equilíbrio para um desses pólos opostos entre os quais se debate o pensamento humano; mas, no íntimo estremeamento de seu amanhecer espiritual, qual o critério que deve presidir à sua organização e aos seus trabalhos senão esse claro espírito de Ariel, feito de serenidade e de equilíbrio, capaz de fundir, numa larga síntese, todas as

antinomias, desentranhar delas a parte que contém, e, elevar-se cada vez mais alto, para dominar, numa visão panorâmica, largamente compreensiva e profundamente humana, todos os povos, todas as cultura, todas as civilizações?

É certo que a Universidade criada em S. Paulo para o Brasil, e fundada sobre a história e o caráter nacional, deve servir antes de tudo aos interesses do país e contribuir para criar sólida unidade espiritual - base da nova cultura e fonte viva dos ideais sociais e políticos que devem dar uma fisionomia própria e original à nação. Se a Universidade é, por sua própria definição e por sua finalidade, qualquer coisa de "universal", e a sua "universalidade" provém não só de que ela deve abranger, nos seus cursos, todos os conhecimentos humanos (*universitas rerum humanarum*), mas do fato de que a ciência não tem pátria, os sábios a têm uma. E como a melhor maneira de servir um cidadão ao seu país é servir exemplarmente à profissão que escolheu, desempenhando, com proficiência e entusiasmo, a missão, ainda a mais modesta, que lhe coube na vida social, não há melhor maneira de servir à humanidade do que servir à pátria - a essa porção da humanidade a que nos prende mais do que a comunidade do território e a unidade de língua, a comunidade de interesses e de idéias, de sentimentos e de afeições, de lembranças e de esperanças, "que nos fazem marchar juntos, trabalhar juntos, juntos combater, viver e morrer uns pelos outros".

Mas isto não quer dizer que seja justo assumir, nos domínios do pensamento, uma atitude parcial de prevenção contra as culturas estrangeiras, das quais será preciso fazer freqüentes transfusões de espírito científico e de métodos de trabalho, ou que se deva imolar no altar da pátria, que é parte no concerto das nações, os interesses da humanidade, a que cada uma delas deve servir e honrar. "Os termos tão comumente empregados de ciência francesa, de ciência alemã, são de uma terrível inexatidão. É preciso, aconselha Richet, falar em ciência tão simplesmente, sem epíteto... O sábio, quando estuda um problema, o considera *em si mesmo*, esforçando-se por esquecer sua nacionalidade, sua época, seus sentimentos. É a isto que se chama ser *objetivo*". Ademais, observa P. Fauconnet, comentando o pensamento de E. Durkheim, "se há civilizações que nos impelem a colocar a pátria acima de tudo, há outras que nos levam a subordinar os fins

nacionais aos fins humanos, ou melhor, a harmonizá-los. O ideal universalista está ligado a uma civilização sintética que tende a combinar todas as outras. Aliás, no mundo contemporâneo, cada nação tem o seu cosmopolitismo, o seu *humanismo* próprio, no fundo do qual se reconhece o seu próprio espírito".

A conservação desse espírito original de cultura, com que cada nação tende a afirmar-se e que reside na base de seu próprio humanismo, é, sem dúvida, mais difícil nos povos em formação, sem lastro cultural, sobretudo numa época em que as facilidades de transporte e de transmissão de idéias tendem a abater todas as barreiras que separam os povos e assimilá-los cada vez mais os padrões criados pela civilização. Pois, acima das fronteiras visíveis, as sociedades humanas hoje mais do que nunca, em constante transformação, "se misturam de todas as maneiras, penetram-se reciprocamente, por meio de infiltrações lentas de indivíduos como de idéias, que se disseminam à medida que avançam e produzem às vezes tanto efeito como as invasões propriamente ditas". Assim, uma vez que é inevitável esse fato - um dos mais característicos da civilização atual, cabe à Universidade assumir uma atitude objetiva, em face de todas as idéias e correntes que vêm de outros países, submetendo-as, sem prevenções nem entusiasmo, mas por um severo espírito crítico, a um constante processo de revisão; verificar o que possa assimilar das tendências estranhas para incorporar na sua própria substância, e trabalhar por levar as suas influências, de pensamento crítico e disciplina mental, até aos órgãos políticos do país, a fim de que possa transformar-se numa força nacional, capaz de contribuir eficazmente para criar a unidade fundamental no pensamento brasileiro e formar, por meio de suas projeções fora das fronteiras nacionais, uma forte consciência americana.

## **A MISSÃO DO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE**

Mas, se é esta, nos seus traços essenciais, a magnífica obra cultural, social e política, que a Universidade se propõe realizar, pelo conjunto orgânico de seus institutos superiores, não é pequena a parte cometida ao **Instituto de Educação**, com a sua função específica, cujo alcance decorre da importância cada vez maior

que assumem os problemas relacionados com a educação. De fato, se se considerar que a educação está sempre estreitamente ligada a uma concepção da vida, ainda que empírica, tradicional, como sempre se acham ligadas a sistemas filosóficos as doutrinas pedagógicas; e que, consistindo ela, em grande parte, na transmissão de uma "civilização", esse ideal humano que os adultos trazem consigo nunca se apresenta com tanta nitidez como ao ser transmitido, pela educação, às novas gerações; compreender-se-á facilmente que a função educativa, os agentes e as instituições que a exercem e em que a sociedade imprime tão profundamente o caráter coletivo, não podem deixar de constituir uma das preocupações fundamentais das Universidades modernas.

Não há, de fato, função social que interesse tão intensa e exatamente à sociedade como a que se propõe transmitir às crianças e aos adolescentes, com as técnicas do trabalho profissional, os ideais de uma civilização. Ela é tão intimamente vinculada à vida de um povo, nas suas necessidades e aspirações, que se pode considerar a história da educação "como uma das mais seguras vias de penetração no estudo do seu passado". A justa compreensão, por um lado, do papel que cabe ao educador e à escola, como uma instituição social, e, por outro, a introdução do espírito e dos métodos científicos na educação produziram essa invencível tendência a que se vão submetendo todas as Universidades, de consolidar a cultura e o prestígio do professor, elevando aos planos universitários a preparação profissional para o magistério em todos os graus do ensino. Numa época em que assistimos, paralelamente com o mais fecundo movimento de idéias que até hoje se desencadeou, nos domínios da educação, ao mais poderoso desenvolvimento da educação pública, não podia faltar à Universidade de S. Paulo uma faculdade organizada não somente para dar a preparação técnica do professor e do administrador escolar, como também para se constituir num centro de cultura superior, de investigação e de pesquisas para o estudo científico e experimental da educação.

## A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO SECUNDÁRIO

As novas correntes do pensamento pedagógico, rompendo o círculo estreito do ensino primário, que as mantinha aprisionadas, como um monopólio, penetraram nas esferas superiores da instrução. A todos os que se destinam à carreira do magistério, primário ou secundário, já não se discute que se deva ministrar não só a cultura geral ou especial da matéria que se proponham a ensinar, como a sua preparação técnica, por meio de estudo das bases científicas de sua profissão e da aquisição das técnicas de trabalho, pelo estágio profissional nesses campos que oferecem as escolas anexas, para a observação, demonstração e prática de ensino. Ao Instituto de Educação - escola profissional superior, não cabe, pois, somente formar o professor primário e concorrer para o aperfeiçoamento e a renovação de sua cultura, geral e profissional, dando-lhe, com a largueza de espírito indispensável ao educador, o poder de se elevar à compreensão dos problemas relativos à escola primária e dos grandes problemas que ocupam os espíritos mais cultos, e abrindo-lhe oportunidades para a "especialização" em setores determinados, conforme as tendências e as aptidões naturais de cada um e as necessidades impostas pelo desenvolvimento qualitativo e quantitativo dos sistemas de educação.

O Instituto deve e pretende ainda ser uma alta escola de administração escolar - a primeira que se organiza no país, e colaborar ativamente com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na formação do professor secundário, dando-lhe a preparação técnica com que se habilitará ao exercício do magistério das disciplinas, cujos conhecimentos foram aprofundados naquele instituto universitário. Até hoje a administração escolar, entre nós, nunca teve outra base senão a experiência pessoal conduzida pela rotina e pelo bom senso, quando a verdade que salta aos olhos é que o bom senso sem a ciência nada esclarece e que o governo da instrução e das escolas, como o dos povos, "é questão não somente de bom senso, mas de método e de ciência". E se nos lembrarmos, por um lado, da relevância, para as próprias instituições políticas, de uma organização modelar da educação secundária que reside à base e constitui uma das condições

essenciais dos estudos universitários; e de que, por outro lado, um dos maiores problemas do ensino secundário é exatamente o da formação de seus professores, cujo número, já grande, tende a crescer no país, e cuja função é um dos poucos ofícios que ainda julgávamos poder praticar sem o termos aprendido, teremos abrangido, na sua plenitude, as graves responsabilidades do Instituto de Educação, no sistema universitário de S. Paulo, em que surgiu como um centro de pesquisas educacionais e uma alta escola de formação, especialização e aperfeiçoamento do professor, em todos os graus do ensino.

### A UNIVERSIDADE, INSTITUIÇÃO NORMAL DO PAÍS

A Universidade - todos já o sentistes - veio, pois, a seu tempo; e como as democracias, tanto quanto os outros regimes, precisam de elites e são as Universidades que têm a tarefa de formá-las, já avaliais a preponderância do papel que lhe está reservado, como uma das peças essenciais, no mecanismo das instituições democráticas. Mas, não nos iludamos. Se lançadas pelo governo do Estado as bases em que se devia erguer a sua estrutura e assentadas as vigas mestras que formam o seu travejamento constitucional, a Universidade já se pode considerar uma construção em ponto de se retirarem os andaimes; a unidade essencial de espírito, que será o seu caráter e a sua força, e, mais tarde, a sua glória e a sua tradição, depende menos de sua organização interna ou de suas *virtudes estruturais do que das virtudes ambientais e gerais da nação*. É certo que a Universidade não tardará a influir, como uma instituição normal do país, sobre o conjunto das instituições que compõem o sistema social geral e, portanto, na vida total do país; mas, pela interdependência que matêm as instituições sociais, ela tem de forçosamente sofrer, no seu processo de evolução, as influências diretas do meio social e político, e dependerá muito mais "da atmosfera pública em que flutua do que do ar pedagógico artificialmente produzido dentro dos seus muros".

Por maiores que sejam o poder criador dos homens que foram e vieram a ser chamados a colaborar na sua organização, e a sua capacidade de escolher nos regimes universitários estrangeiros o que a Universidade de S. Paulo possa

transformar na sua própria substância, a sua organização, assediada, de todos os lados, por forças sociais externas, será afinal o que permitir que ela seja o nosso povo, que a modelará conforme o seu próprio gênio, função por sua vez de sua história. Certo, escreveu admiravelmente Ortega y Gasset, "quando uma nação é grande, é também boa a sua escola, como a sua política, a sua economia, a sua religião. A fortaleza de uma nação se produz integralmente. Se um povo é politicamente vil, é vão esperar alguma coisa da escola mais perfeita". Como a realidade íntegra de uma instituição é "b país que a criou e a mantém", as Universidades estrangeiras, francesa, alemã ou inglesa, entre outras, *devem o que são*, observa ainda Gasset, menos ao regime institucional, menos à sua estrutura, que é, a vários aspectos, defeituosa, e se pode transplantar de um país para outro, do que às virtudes ambientais e gerais desses países, cuja atmosfera é carregada de estímulos e incentivos para a ciência, e das quais se comunicou às respectivas Universidades, pela ação do próprio meio social, tudo que o que elas têm de pensamento alemão, de vida inglesa e de espírito francês e que é, por sua natureza, intransferível para meios e povos diferentes.

### **O ESPÍRITO QUE A DEVE ANIMAR**

No entanto, já é confortador reconhecer que mais poderosas e mais fecundas são as forças sociais que tendem a favorecer e a estimular o desenvolvimento da Universidade de S. Paulo do que as forças que conspiram contra ela, ameaçando-a com todos os germes de utilitarismo, de indisciplina e de dissolução. Ela não poderá, sem dúvida, reunir, desde os primeiros anos de sua vida, uma constelação de homens eminentes e de belas descobertas; a formação do espírito científico que a deve animar, de pesquisa e de cultura, de disciplina e de trabalho, pode ficar por algum tempo flutuante, no estado de nebulosa; mas, no que ela terá de mais original, se organizará pouco a pouco à volta de alguns pontos sólidos, que já constituem outros tantos núcleos de condensação e de irradiação dos ideais universitários, e tendem a expandir-se para fixar o conjunto por um trabalho lento de penetração desse espírito e desses ideais a cujo calor se forjarão os ideais de nossa própria civilização.

É se em alguma coisa podemos concorrer para elevar a Universidade ao nível de sua missão, é pelo amor e pela dedicação à ciência, que, nas expressões de *Berthelot*, é "base sólida e imutável sobre a qual possamos estabelecer nossas doutrinas; uma das maiores forças morais sobre a qual se apoia a dignidade da personalidade humana, que, sendo a mais nobre e a mais generosa inspiradora de nossos pensamentos, nos ensina a elevar os nossos corações acima das estreitas considerações da vida quotidiana; e de cujos cumes, difíceis de atingir, como os da terra, quando chegamos a alcançá-los, ao preço de laboriosos esforços, se percebe um horizonte sem limites de pura luz". É preciso subir mais alto e sempre mais alto, lembra-nos H. Poincaré, "para ver sempre mais longe, e sem nos determos demais no caminho. O verdadeiro alpinista, considera sempre o cume que ele acaba de escalar como um degrau que deve conduzi-lo ao cume mais elevado. É preciso que o sábio tenha o pé do montanhês e, sobretudo, o coração do montanhês. Eis qual o espírito que deve animá-lo. Esse espírito é o que soprava outrora sobre a Grécia e fazia nascer os poetas e os pensadores".

Eu não podia, ao concluir e falando da ciência, deixar de fazer essa evocação do passado, numa época em que os homens, dissimulando às vezes sob a máscara da novidade o que há de mais antigo, se presumiram capazes de tirar as coisas do nada, esquecidos de que a humanidade é feita mais de mortos do que de vivos, e que é no seio do passado, tantas vezes esquecido e renegado, que se gerou a nova civilização. Se, de fato, na arte, na literatura e na própria política, e, em geral, em todas as atividades humanas, as obras, ainda as mais audaciosas, são sempre mais ou menos o remate e o coroamento das obras passadas, nada nos poderá dar uma consciência tão profunda da solidariedade que liga entre si as gerações, como a ciência que é inconcebível em qualquer de seus períodos, sem a noção das conquistas realizadas pela ciência anterior, e cuja história se desenvolve como uma sucessão ininterrupta de esforços e de progressos. Assim, todos aqueles que, julgando perceber, sobre horizontes longínquos, a aurora de uma era nova, que seria anunciada desta vez não pelo canto do galo gaulês, mas pelos gritos das águias eslavas, imaginam construir um novo estado de coisas sobre as ruínas da sociedade antiga, verão, desapontados, quando for restabelecido o



equilíbrio econômico e social, que a sociedade avançou, sem dúvida, não quanto o poderiam sonhar, mas quanto o permitiam as condições sociais anteriores.

É que o progresso social, como o progresso científico, é "uma escada em que não se pode subir senão de um degrau a outro, e onde cada um é indispensável à sustentação daquele que lhe está sobreposto". Se a ciência, pois, nos pode dar, mais do que qualquer outra atividade humana, o sentimento da solidariedade moral, mostrando-nos como as mais poderosas descobertas estão intimamente ligadas ao que as precedeu; se, desenvolvendo o juízo e o senso crítico, e, com eles, o sentido da relatividade das coisas, é ela que nos previne contra as adesões irrefletidas às soluções generosas, mas simplistas, que, procedendo de imaginações ardentes, não levam suficientemente em conta as realidades sociais, abrindo-nos do conhecido para o desconhecido e para o incognoscível as mais largas perspectivas, ela nos dará, ao mesmo tempo que um poderoso impulso para o ideal, esse sentimento de humildade, de pequenez e, portanto, de indulgência e de doçura, diante da enorme desproporção entre o conhecido e o desconhecido... A Universidade será então, para nós, "como essas catedrais góticas - de que me escrevia um amigo distante - de linhas verticais, fugindo para as ogivas, onde pela acústica das grandes naves profundas os nossos passos se fazem sonoros e tristes de andarem pelo chão"...